

ATENAS EM DISPUTA: SOBRE COMO OS OLIGARCAS FORMARAM OS DEMOCRATAS - DE 411 A 403 OS OLIGARCAS MOLDAM SUA OPOSIÇÃO

Luis Fernando Telles D' Ajello¹

RESUMO

Este artigo procura analisar as relações entre as três facções políticas presentes entre 411 e 403 a.C. em Atenas. Os chamados Oligarcas, Theramistas e *Demotikoi* entraram em disputas políticas e militares durante os dois golpes oligárquicos neste período. A relação entre oligarcas e aqueles que se perceberão democratas parecem formar um ambiente propiciando o desenvolvimento de uma consciência ideológica democrática entre os *demotikoi*. Além das relações entre oligarcas e democratas acompanho o desenvolvimento dos significados atrelados ao termo *demokratia* de forma a investigar as relações entre estes dois processos.

Palavras-Chave: Democracia, Atenas Clássica, Oligarquia.

ABSTRACT

This paper analyzes the relationships between the three political factions present between 411 and 403 BC in Athens. The so-called Oligarchs, Theramistas and *Demotikoi* entered into political and military disputes during the two oligarchic coups in this period. The relationship between oligarchs and those who would come to perceive themselves as Democrats seem to create an environment favoring the development of a democratic ideological awareness among the *demotikoi*. Besides the relations between oligarchs and democrats, I follow the development of different meanings linked to the term *demokratia* in order to investigate the relationship between these two processes.

Keywords: Democracy, Classical Athens, Oligarchy.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS sob orientação do Prof. Dr. Francisco Marshall. Tese intitulada “O Desenvolvimento de uma Consciência Ideológica Democrática em Atenas: Da Oligarquia à *Patrios Politeia* Democrática.”, financiada pelo CAPES-REUNI.

Paul Cartledge (2007) propôs que a democracia na Grécia Antiga, não só em Atenas, era mais do que apenas um sistema político. Como um fenômeno social, cultural, envolveria não só as instituições ou os cargos e sistemas de governo, mas a maneira de um cidadão se relacionar com seus concidadãos e seu modo de vida implicavam um caráter democrático. Concordo com Cartledge, mas devo lembrar que o mesmo deveria ser dito da oligarquia ou qualquer outra forma de organização política que possa se encontrar na antiguidade helênica. O homem político de Aristóteles propõe que o cidadão é sinônimo de sua comunidade. Isto implica o fenômeno sócio-cultural que Cartledge aponta na democracia, mas também em tudo aquilo que define um cidadão/uma comunidade na Grécia.

A democracia assim chamada parece ter se estabelecido mais tarde no século V mas como apontam Cartledge, Raaflaub, Ober, Ostwald e Hansen,² a democracia pode ser percebida em suas instituições e nas práticas culturais e administrativas de Atenas muito antes do termo estar fortemente enraizado. De certa forma este é o foco do capítulo de Cartledge que mencionei acima. Meu intuito aqui é um pouco diferente. Não pretendo debater sobre a presença de uma democracia de fato, mas analisar o processo que formulou uma consciência ideológica democrática em Atenas.

Que os atenienses viveram uma democracia, ou diferentes formas de democracias, em um período anterior àquele que temos fontes atestando inegavelmente o uso do termo *demokratia*, é amplamente aceito entre historiadores. O que pretendo analisar é a possibilidade de que o período em que o termo se torna mais pesado de significação política de acordo com nossas fontes é o mesmo em que alguns dentre os atenienses começam a ativamente procurar promover uma democracia chamando-a pelo nome. Antes o *demos* parece pouco se importar com o tipo de organização política, desde que seu modo de vida esteja de acordo com sua

² Diversas obras de cada um destes autores tratam das diversas maneiras de se compreender a democracia e os tipos de democracia na Grécia antiga. Para pesquisas especificamente relacionadas a este trabalho citarei nos locais apropriados.

vontade. Mas, como procurarei mostrar a seguir, nos últimos 15 anos do século V se consolida uma procura especificamente pela forma de organização democrática e o impedimento de que outra organização política se efetive em seu lugar. Ademais proponho que este movimento em direção a uma consciência ideológica democrática se deu com a ajuda involuntária dos partidários da oligarquia ateniense, e possivelmente intencional de oligarcas moderados.

Apesar de Raaflaub (2007) apontar como certa a existência do termo em torno de 460 sua afirmação é baseada em um jogo de palavras de Ésquilo e no nome próprio de um cidadão chamado Demokrates. No entanto a primeira aparição do termo *demokratia* que podemos datar com precisão ocorre em 419, no texto de Antifonte (Antifonte. VI), o provável organizador das estratégias oligárquicas para a tomada de poder pelos quatrocentos em 411.

Andócides pretende pintar uma imagem de completa renovação em 403. Não apenas uma restauração da democracia, mas uma anistia que pretende “não lembrar desfeitas” (*mnesikakein*), uma revisão das leis como nunca foi feita, uma inscrição das mesmas com proibição de leis não escritas, definições para leis e decretos. Diversos estudiosos atentaram para o perigo de aceitar esta imagem produzida por Andócides em sua oração “Dos Mistérios” (Andócides I), pois esta figuração serve ao propósito de sua defesa, feita em seu próprio nome e apresentada em 399. Para Andócides tratar de 403 e falar diretamente sobre os eventos de maneira falaciosa seria difícil pois sua audiência certamente participou dos eventos mencionados. Exageros são possíveis mas algum sentido na renovação em 403 deve ter ressoado em sua audiência, principalmente porque sabemos que Andócides continuou ativo em Atenas após sua defesa e certamente foi bem sucedido em sua oração primeira.

O quanto esta renovação implica em uma verdadeira consciência ideológica democrática é o que pretendo analisar. Creio que os eventos do fim da guerra do Peloponeso e dos golpes oligárquicos seguidos das chamadas restaurações da

democracia compõem um processo de estruturação da mesma que sugerem uma consciência ideológica não atestada antes de 403.

Cabe aqui verificar como o termo *demokratia* se insere nos textos literários e em inscrições do século V. Para além do termo a concepção de democracia deve ser avaliada. Certos momentos apontados como reveladores de uma presença democrática anteriores à presença do termo merecem atenção. Nestes momentos se avaliará a alusão ao termo e a uma possível consciência ideológica voltada para a democracia. Mesmo que algumas instituições e práticas democráticas estivessem em ação é preciso averiguar a significação dada por seus contemporâneos para as mesmas. Mais do que chamar instituições e práticas de “democráticas” deve-se analisar se eram vistas assim e procuradas justamente por serem democráticas.

Antes de tratar diretamente do termo *demokratia* nas fontes mais recentes uma leitura mais cuidadosa dos momentos que, supostamente, insinuam ou implicam em um conhecimento do termo certamente auxiliará na compreensão do processo de estabelecimento do mesmo. No entanto o foco desta seção será nas primeiras utilizações dos termos em Antifonte, Tucídides, Heródoto, Pseudo-Xenofonte, de modo a pensar como estes registros mais antigos do termo se associam com o período em que se encontram e com o processo que analiso.

As duas seções seguintes tratarão especificamente dos momentos chave do processo de formulação da consciência ideológica que procuro analisar. Os dois golpes oligárquicos, de 411 e 403, conformam precisamente os momentos em que o conflito político, em consonância com o contexto da guerra, incita uma reação. Esta reação paulatinamente forma uma definição a partir da negação dos golpes oligárquicos. Ao se estruturar os pontos de desacordo com as propostas dos quatrocentos e dos trinta tiranos as definições de uma democracia se tornam claras para os atenienses.

Ao perceberem a fragilidade da estrutura sócio-política em que se encontravam e a partir da definição do que não desejam os atenienses definem, como nunca antes,

as provisões de uma democracia e os impedimentos para sua derrubada. Pela primeira vez as revisões, ou reformas, são chamadas pelo nome que merecem, *Demokratia*.

Em 411 os oligarcas se mostram violentos e dissimulados em sua tentativa de flexibilizar o poder do *demos*. Em 403 os trinta tiranos se tornam o ponto de ebulição que causa uma cisão entre os oligarcas levando a uma junção entre moderados e os opositores da oligarquia. É nesta absorção dos moderados, e na definição do que não se quer, que um grupo se forma apoiado na ideia de democracia tal qual conhecemos para a Atenas do século IV. O sucesso desta conformação da democracia se torna aparente na propaganda política que ecoa no século IV. A imagem de uma democracia fundada por Sólon (início do século VI) e reestabelecida por Clístenes (fim do século VI) floresce neste século devido ao processo que a instituiu, nos últimos 15 anos do século V.

a) **DEMOKRATIA**

Diferentes pesquisadores desenvolveram teorias e linhas argumentativas acerca das origens da democracia que apontam para diferentes momentos. Não só os atenienses do século IV creditavam o início da democracia a Sólon como Wallace (1998) se dispõe a aceitar algum tipo de democracia desde 594, mesmo que este termo seja anacrônico para o período de Sólon. Hansen (1989) propõe a verificação do início da democracia através das instituições que podemos chamar de democráticas. Josiah Ober (1996) defende que as origens da democracia ateniense podem ser encontradas nas reformas de Clístenes, em 508. Raaflaub (2007) propõe que uma disposição consciente acerca da democracia deve ser apontada para o período das reformas de Ephialtes e Péricles nos anos 460. Cartledge aponta todas estas proposições como possíveis retratos de um processo de instituição de democracias. Desenvolvimentos proto-democráticos, um prelúdio para uma democracia de fato ou uma democracia mais envolvente e radical. Ainda assim argumenta que as reformas de Clístenes devem ser apontadas como a primeira democracia ateniense.

Creio que a afirmação de Cartledge é bem ponderada. Este autor defende que é necessário se esclarecer que tipo de democracia ou que tipo de organização política e que nível de consciência política e ideológica está se defendendo cada vez que se trata das “origens” da democracia ateniense. O intuito aqui é avaliar se a consciência ideológica democrática pode ser apontada como gerada durante um processo delimitado entre 415 e 403. Certamente as instituições democráticas e as práticas administrativas de Atenas neste período já poderiam ser chamadas de democráticas, e de fato já estavam assim nomeadas, no entanto uma disposição e uma escolha pela democracia em detrimento de outra forma de ideologia política não parece ser a motivação para que os atenienses estivessem organizando-se como estavam até o período que analiso. É entre as reações oligárquicas ao controle do *demos* e o estabelecimento da Atenas que se pretende para o futuro que este *demos* se percebe necessitando de definições atribuídas esparsamente à democracia e opostas às definições propostas pelos oligarcas.

Para poder conceber a relação entre uma concepção ideológica democrática e o termo *demokratia* é preciso avaliar as significações atribuídas ao termo. Não só isto mas é necessário que se verifique quando os usos do termo passaram a nomear definidamente uma ideologia por trás da organização administrativa da polis.

i) A PRESENÇA VELADA

Hansen (1999 pg.69-70) considera fraca a argumentação de pesquisadores que propõe um uso do termo *demokratia* a partir da segunda metade do século V e com sentido positivo apenas a partir do século IV. Sua própria argumentação para apontar o caráter fraco desta é um tanto pueril. Hansen afirma que não temos fontes anteriores a 430 onde se esperaria ver o termo *demokratia*. Portanto o termo certamente devia ser usado, só não temos fontes para comprovar. Isto não só não pode ser considerada prova de nada como não deveria entrar no rol de argumentações para afirmar ou negar qualquer teoria historiográfica. Temos apenas o que nos foi legado pelas

vicissitudes do tempo e não podemos afirmar nada a partir do que não temos e menos ainda do que esperaríamos ter contido naquilo que não temos.

Deve-se aqui não só analisar as fontes de que se tem conhecimento mas também criticá-las. A partir de uma verificação da validade e pertinência das fontes que pode-se ter clareza da relação entre uma argumentação acadêmica e as informações adquiridas através da análise, crítica e interpretação destas fontes.

A mais antiga associação com o termo está em Ésquilo (Ésquilo). Este tragediógrafo apresentou uma peça em torno de 463 (BRIGGS, 1997) chamada *Suplicantes*. O tema desta obra gira em torno da fuga das cinquenta filhas de Dânao, as danaiades. Estas tentam escapar de um casamento arranjado com seus primos egípcios. Fogem então para Argos e submetem sua súplica ao rei Pelasgos. O rei deixa a decisão ser tomada pelos cidadãos de Argos. Dânao, que está junto a suas filhas nesta súplica chega para avisar suas filhas da decisão dos argivos. O coro das danaiades pergunta:

“Para que lado a maioria do povo decide?”³

“δήμου κρατοῦσα χεὶρ ὅπη πληθύνεται?”⁴

Aqui aparecem os termos *demou kratousa*, levando alguns autores a sugerirem que há um conhecimento por parte de Ésquilo do termo *demokratia*.⁵ É importante lembrar que, de acordo com o autor da *Athenaion Politeia* (Aristóteles *Athenaion Politeia* 22.5), em 487/6 os arcontes passaram a ser escolhidos por sorteio, aumentando o espectro de cores nesta magistratura e conseqüentemente no areópago. Durante a década de 470-60 Efiáltes, Péricles e Arquéstratos passaram a processar membros do areópago por má administração (*eisangelia*). Com a imagem

³ Aqui o termo *kratousa* advém do sentido de tomar posse, reforçar, assim toma posse do lado da questão, para ser mais literal em relação aos termos presentes. Assim a tradução decide o lado.

⁴ ÉSQUILO *Supp.* V. 604. “*demou kratousa xeir hope plethynetai?*”

⁵ Para os autores mais conhecidos sobre este tema e que podem levar a outros envolvidos neste debate ver (HANSEN, 1999), (OSTWALD, 1986), e (RAAFLAUB et al., 2007).

denegrada do Areópago e possivelmente com 4000 hoplitas fora de Atenas em 462/1⁶ Efiálfes finalmente conseguiu aplicar suas reformas que levaram à chamada democracia radical. Boa parte dos poderes do areópago foram então retirados deste corpo de ex-arcontes e distribuídos entre a *boule ekklesia* e as *dikasteria*.⁷

Me parece mais provável que o jogo de palavras em *Ésquilo* se refira ao momento de efervescência popular focado nos poderes dos arcontes e do areópago. Momento este que coincide com a década na qual sua tragédia, que ganhou o primeiro prêmio, foi apresentada.

Por volta da mesma década em questão sabe-se da existência de um cidadão chamado de Demokrates. A partir de uma lápide, datada de 350, de um certo Lysis filho de Demokrates o artigo de Stroud(1984) propõe que este Lysis seria o jovem amigo de Sócrates mencionado em Platão (Platão. *Lísis*). Caso de fato o seja, seu pai provavelmente teria nascido no fim da década de 460, se assumirmos que Lysis morreu velho, como a imagem na lápide onde a inscrição se encontra sugere e como aponta Stroud.

Autores como Hansen e Raaflaub apontam a presença de um cidadão com o nome de Demokrates como indício da presença do termo *demokratia* e, ademais, da associação do termo com a organização política democrática⁸. A quantidade de acepções para o termo *demos* e suas relações com outros termos é grande demais para explorarmos todas. Basta pensarmos na eventualidade de que *demos* aqui se refira a uma comunidade, uma vila de Atenas, e *kratos* o significado similar ao de *Ésquilo*, o de tomar posse, fortalecer. Demokrates e seu pai eram de uma família abastada, como Platão e Stroud demonstram, e possivelmente teriam controle sobre uma comunidade de *demoi*, seja no sentido de comunidade ou dos habitantes de uma

⁶ Possivelmente liderados por Címon para auxiliar Esparta com a revolta dos Hilotas.

⁷ O conselho, a assembleia e as cortes populares, respectivamente.

⁸ Para uma boa discussão sobre autores que trataram da inscrição de onde se tem este nome ver Capítulo de Raaflaub em (RAAFLAUB et al., 2007), pág. 108, nota 5. Contrário a esta posição posta por Raaflaub e Hansen(1999) ver Cartledge no mesmo livro.

comunidade. Esta é apenas uma acepção para o nome *Demokrates* dentre inúmeras outras possíveis a partir de *demos* e *kratos*. Me parece então difícil decidir em prol da presença do termo *demokratia* a partir do nome de um homem nobre e abastado como descrito por Platão.

Uma inscrição traduzida por Fornara (1983) apresenta a primeira aparição do termo *demokratia* entre as fontes epigráficas que se conhece atualmente. Quatro fragmentos de mármore dos quais dois são conectados. A escrita é em dialeto ático com forte presença de mistura com jônico. Isto provavelmente por sua produção próxima ao ano de Euclides (403). Os editores se dividem quanto à datação entre 447 ou 427. Parte das razões para a datação de 427 é sua possível relação com uma passagem de Tucídides (*Tucídides. A História da Guerra do Peloponeso* III-34). Tanto a inscrição quanto a passagem mencionada tratam da relação entre Atenas e Colofon no momento de reestruturação política. No entanto para a confirmação da data de 427 é preciso se aceitar muitas reconstruções, inclusive a do termo *demokratia*. Na inscrição pode-se verificar na linha 49⁹ apenas “*demo*” com a reconstrução proposta sendo *demo[kratia]*. No entanto nem em Tucídides o termo ocorre nesta passagem. Apesar da plausibilidade do termo estar reconstruído corretamente e de fato ser relativo aos eventos mencionados em Tucídides a data para o termo ainda é de 427, muito mais tarde do que o proposto para o termo nos autores que defendem uma datação mais antiga para o cunho do termo. Ainda assim não é uma fonte com a qual creio ser possível se basear com segurança para tratar da formulação do termo em consonância com a organização política a qual se refere no século seguinte.

Não cabe aqui nenhuma conclusão sobre estes sutis indícios da relação entre o termo em questão e uma posição, ideologia ou organização, política democrática. A seguir serão tratados alguns momentos de utilização do termo *demokratia* no século V. A partir destas análises será possível averiguar um panorama mais coeso sobre o desenvolvimento dos significados atrelados ao termo durante este século. Associado

⁹ IG I³ 37 (também IG I² 14 e 15, Fornara 99)

com uma breve análise das reações anti-oligárquicas de 411 e 403 creio que este panorama demonstrará a relação intrínseca entre o desenvolvimento do termo e estas reações, bem como entre estas reações e membros do grupo moderado entre os oligarcas.

ii) MENÇÕES DIRETAS

O mais antigo uso do termo *demokratia* que podemos datar com bom grau de precisão ocorre no discurso número 6 de Antifonte, *O Coreuta* (GAGARIN; MACDOWELL, 1998). Esta defesa de um *choregos* ocorreu em 419. As aparições do termo em Heródoto, Tucídides e Pseudo-Xenofonte não podem ser ignoradas e provavelmente antecedem o uso em Antifonte, no entanto a datação de sua produção é incerta. Em Heródoto o termo ocorre duas vezes, mas sua relação com outras passagens são tão interessantes quanto os momentos de uso direto do termo (Heródoto. Histórias, tVI-43.3 e VI-131.1). Em Tucídides o termo é utilizado 22 vezes. É interessante notar que as primeiras 11 vezes estão espalhadas entre os primeiros seis livros e as 11 restantes estão todas concentradas no livro oitavo.¹⁰ Em Pseudo-Xenofonte o termo ocorre 6 vezes mas em apenas 3 passagens.¹¹

Estes são os momentos mais importantes na literatura do período que serão analisados a seguir. Há ainda que se considerar a aparição em Andócides, que usa o termo 7 vezes, 6 delas em seu discurso número 1 em 399 a.C. e uma vez em seu discurso número 2, entre 410 e 405.¹² Aristóteles trata da democracia tanto na *Política* quando na *Athenaion Politeia*, no entanto não será analisado devido ao momento de sua produção, muito posterior ao período que procuro analisar. Aristófanes usa o termo apenas 3 vezes em suas comédias. A mais antiga delas em nas *Acarneias*,

¹⁰ Nas passagens: I-115.3; II-37.1; II-65.9; III-37.1; III-62.3; IV-76.2; V-31.6; VI-39.1; VI-89.6; VIII-47.2; VIII-48; VIII-53.2; VIII-63.3; VIII-68.2; VIII-75.2; VIII-89.3; VIII-90.1.

¹¹ Nas passagens: I.4-8; II.20; III.1

¹² *Andócides*. //

possivelmente sua primeira obra (se este for o caso a data seria de 425), a seguir nas *Aves* em 414 e em *Pluto* em 388.

Aqui não há espaço para tratar de todas as aparições do termo. Tratarei de averiguar as ocorrências em conjunto, avaliando de acordo com o autor de seu uso.¹³

A datação da produção e publicação das *Histórias* de Heródoto é um assunto complicado. Tradicionalmente se aceita a “publicação” em torno de 426. Assumindo a finalização em 426 e tendo a produção nos anos logo anteriores, na década de 430, temos uma data incerta mas aproximada de sua produção.

O termo *demokratia* ocorre duas vezes em Heródoto. Nas passagens 6.43.3 e 6.131.1. Além destas é importante relacionar suas aparições com a famosa passagem do debate dos persas acerca das formas de governo, 3.80. Na segunda passagem (6.131.1) há uma simples associação de Clístenes com a formação a democracia. O legislador é apontado como aquele que deu aos atenienses a democracia. A segunda passagem aponta o uso de *demokratia*, bem como de *demokratéesthai*.

Ele fez algo que apresento aqui para aqueles helenos que não acreditam que Otanes declarou que sua opinião era que a democracia era melhor para a Pérsia.

“ἐνθαῦτα μέγιστον θῶμα ἐρέω τοῖσι μὴ ἀποδεκομένοισι Ἑλλήνων Περσέων τοῖσι ἐπτὰ Ὅτάνεα γνώμην ἀποδέξασθαι ὡς χρεὼν εἶη δημοκρατέεσθαι Πέρσας”

¹³ Para uma análise mais detalhada de cada uma destas aparições do termo ver minha tese de doutorado com término previsto para março de 2016.

O termo significa “viver sob a democracia”. Mas o importante é sua relação com a famosa passagem 3.80, onde ocorre o debate dos persas. Otanes defende a democracia. No entanto o termo que costumamos traduzir por democracia é *isonomia*, e o que traduzimos por povo não é *demos* e sim *plethos*. No entanto nesta passagem *demos* e *demokratésthai* são usados. O porque desta discrepância nos escapa. No entanto a proposta de David Sansone (1985), que sugere uma publicação em dois momentos, os quatro primeiros livros em 426 e o restante em 414, apesar de não ser amplamente aceita pode explicar a discrepância se aceitarmos o uso do termo ampliando-se de meados de 450-40, a 414. O apontamento de Clístenes como fundador da democracia é coerente com a proposta de Cleitophon durante o governo dos quatrocentos. Aristóteles cita uma inscrição onde um dos moderados propõe que se leve em consideração as leis de Clístenes quando este fundou a democracia. A data desta inscrição seria 411 (Aristóteles *Athenaion Politeia* 29.2).

Assim parece que o termo não é tão óbvio para Heródoto no início de sua obra, mas ao fim claramente relaciona o termo com o debate dos persas e com a mesma associação que Cleitophon faz em 411. Também importante aqui é a menção de que o termo *demokratia* é utilizado em oposição às tirania que são depostas para que se instaure a democracia. Esta relação democracia como movimento anti tirânico parece circular em volta desta ideia.

Tucídides faz diversos usos do termo. Como mencionei previamente. A maioria absoluta das 22 aparições do termo na obra deste ateniense apresenta indícios de revisões posteriores a 404. Os primeiros quatro livros de sua obra é apontada como tendo sido produzidos entre 420 e 415, e os livros seguintes em torno de 404.¹⁴ O famoso discurso de Péricles é um dos exemplos que indicam revisões de 404. Além da questão das datas de produção à a questão de que a maioria das aparições ocorrem

¹⁴ Para verificar os debates de datações de passagens específicas ver (BRIGGS, 1997), e principalmente (GOMME; ANDREWES; DOVER, 1981)

em discursos reproduzidos por Tucídides, que desde o início de sua obra aponta a necessidade de reproduzir como ele esperaria que fossem proferidas as palavras.

As primeiras utilizações do termo em Tucídides são associações à oposição a tirania e sinônimo de maioria. A partir do momento em que trata do período de 421 em diante as associações são em oposição aos lacedemônios e à oligarquia.

Os últimos 11 momentos de utilização do termo ocorrem no último livro de Tucídides e tratam justamente dos quatrocentos e sua deposição. Parece que os usos que Tucídides faz do termo *demokratia* acompanham o que parece ser o desenvolvimento semântico do termo e sua associação paulatina com a oposição a oligarquia. Esta advinda de uma relação em oposição à tirania e da passagem de uma massa (o *plethos* pejorativo) para uma maioria (o *demos* de uso mais aceitável). Ainda assim. Estas últimas utilizações do termo teriam sido produzidas por volta de 404. Uma escrita com termo de revisão, de percepção de 404, onde retrospectivamente pode-se apontar a defesa de algo que se torna claro e definido após os trinta tiranos.

O texto “Constituição dos Atenienses” que foi atribuída a Xenofonte já foi a algum tempo removida do conjunto de sua obra. J. M. Moore (1983), seguindo Forrest (1966) propõe que apesar das dificuldades de datação do texto, devido à falta de menções a eventos históricos, a obra deve estar entre 440 e 425. O tradutor e comentador ainda aponta que a data mais provável é a mais recente.

As seis aparições de *demokratia* são confusas e por vezes parecem se referir à força das massa, dos *demotikoi*. E esta força aumentaria na medida que a maioria tem parte nas decisões. Apenas em uma passagem o termo se refere diretamente ao tipo de governo ateniense. Ainda assim as passagens não são de todo claras para que se possa afirmar o que o termo significa para o autor deste texto. A datação da obra pode explicar esta dificuldade se levarmos em conta o que paulatinamente se tem visto nesta pesquisa. A construção semântica do termo parece estar recém se firmando entre um pejorativo e uma apropriação positiva no período de produção do texto do Pseudo-Xenofonte. Como parece ocorrer em Tucídides o termo está se estabelecendo finalmente em oposição à oligarquia.

O uso em Antifonte merece mais atenção, mas aqui apontarei apenas que, apesar de Hansen (1999) sugerir um indício de culto à democracia que pode ser interpretado como existente desde a criação do conselho de Sólon, seu uso mais provável é no sentido de “em nome da maioria”. O coreuta foi um membro do conselho e junto com seus colegas teria feito sacrifícios em nome da democracia, em nome daqueles que permitiram que ele fosse um de seus representantes no conselho. Ainda assim esta é a primeira utilização do termo que podemos datar precisamente em 419.

As aparições do termo em Andócides, Aristóteles e Aristófanes são bem posteriores ao período que interessa a esta pesquisa. Os mais próximos são de Andócides, em 399. No entanto temos indícios que a maioria dos usos em seus discursos, que ocorrem em inscrições citadas, são falsas, inseridas por editores (CANEVARO; HARRIS, 2012). As duas peças de Aristófanes que poderiam ser mais próximas são as *Acarneiras* (Aristófanes. *Acarneias*), que não tem datação precisa e as *Aves* (Aristófanes. *Aves.*) de 414. Nas *Aves* o termo é utilizado como “oh meu deus”, “oh democracia”. Sugerindo que democracia estaria escolhendo mensageiros duvidosos. No caso da peça uma divindade bárbara. O uso nas *Acarneiras* é da mesma forma, “em nome da democracia” “pela democracia”, com usamos “por deus”.

O importante a notar aqui é que antes de 425 há pouco uso do termo e seu uso é confuso e comumente associado a anti-tirania. Depois seu uso cresce e passa a ser relacionado à oposição a oligarquia, ou ao menos aos governos estrangeiros a Atenas. A partir de 404 seu uso é mais definido e diretamente associado à oposição a oligarquia e conformando a tradição da formação da democracia por Sólon como vista durante o século IV.

b) OS 400 E A REAÇÃO A ELES

Estabelecido o longo processo de atribuições de sentidos à *demokratia* creio ser necessário avaliar as reações dos anti-oligarcas após a queda do governo dos quatrocentos. O processo de instauração deste governo oligárquico certamente nos

forneceria mais informações sobre como os atenienses chegaram a instaurar tal governo em detrimento da democracia praticada na época. No entanto esta pesquisa se valerá da análise do momento de sua deposição para que possa-se verificar como reagem os atenienses anti-oligarcas após perceberem e decidirem que o governo oligárquico não lhes servia. Fazendo o mesmo para o governo dos trinta tiranos e comparando as propostas oligárquicas com as reações anti-oligárquicas nestes dois momentos pode-se perceber a estruturação democrática se desenvolvendo em oposição aos oligarcas, e ademais, como o grupo dos moderados, advindo dos oligarcas passa a influenciar aqueles que se percebem democratas.

Apesar do foco na reação anti-oligárquica cabe uma breve apresentação do contexto dos quatrocentos e sua ascensão. A partir da expedição à Sicília Atenas perdeu muito de seus recursos. A perda de barcos e soldados, além da quantidade de dinheiro colocado na frota enviada, levaram Atenas a usar fundos reserva. Próximo da época da enorme falha da expedição ateniense à Sicília os espartanos invadem a Ática e toma Deceléia. Estes continuamente saqueiam a Ática e eventualmente tornam Deceléia em um refúgio para aproximadamente 20.000 escravos fugidos de Atenas.¹⁵ Os atenienses não só estavam com problemas financeiros como perderam confiança nas decisões tomadas pela assembleia e pelo conselho. Em 412 escolheram dez nomes para formar uma comissão de *probouloi* com o intuito de revisar as decisões do conselho. Estes *probouloi* eram homens com mais de 40 anos de idade e reconhecidamente sábios e bem quistos pelo povo.¹⁶

Alcibíades, nesta época assessorando Tisafernes, entra em contato com homens influentes da frota ateniense em Samos.¹⁷ Segundo Tucídides seu intuito era retornar a Atenas e para tanto teria dito ser capaz de levar consigo o apoio dos persas.

¹⁵ Os autores que tratam destes eventos são muitos para serem mencionados todos. Ver (OSTWALD, 1986), (RHODES, 1981), (GOMME et al., 1981) e os livros VII e VIII de Tucídides.

¹⁶ Informações sobre os *probouloi* podem ser encontradas em Aristóteles AP. 29.2; e Tucídides. A *História da Guerra do Peloponeso*, VIII.67

¹⁷ A maior parte da frota ateniense estava em Samos, aproximadamente 1500 homens de armas. Destes conhecemos o nome de apenas dez.

Para receber o apoio financeiro e militar dos persas os atenienses deveriam tornar sua constituição mais oligárquica e receber Alcibíades de volta, rescindindo sua condenação ao exílio (*Tucídides. A História da Guerra do Peloponeso* VIII, 47.).

Eventualmente estes homens influentes em Samos, que de acordo com Tucídides já estavam planejando derrubar a democracia, conseguiram instituir um conselho de quatrocentos com o a promessa de estabelecerem um governo de 5000 para reduzir o ônus da guerra e tornar a constituição ateniense atrativa para os persas. Aqui cabe apontarmos os nomes associados a este golpe oligárquico e as propostas definidas por eles para este novo governo.

Oito dos dez generais atenienses estavam em Samos. Destes, três tornam-se posteriormente defensores do fim dos quatrocentos. Dos cinco restantes um é desconhecido, mas os outros quatro são nomes conhecidos na oligarquia ateniense. Onômacles foi um dos quatrocentos e, em 404/3, foi um dos trinta tiranos, além de ter sido condenado junto com Arqueptolemus e Antifonte por tentar um acordo com os espartanos sem a permissão da assembleia (note-se que foram enviados pelos quatrocentos. Scironides fora associado a Frínicos quando ambos foram depostos de seu cargo de generais mais tarde. Carminus, assassinou Hipérbolus para provar sua fidelidade aos oligarcas. Frínicus foi um dos mais violentos dentre os quatrocentos. Os homens que o assassinaram receberam homenagens em Atenas após a queda dos quatrocentos. Por fim, entre os homens influentes em Samos que levaram ao governo dos quatrocentos está um trierarca chamado Pisandro, porta voz do grupo que foi a Atenas e iniciou os debates que levaram aos quatrocentos (OSTWALD, 1986 pg.344-358).

Um dos nomes importantes na derrubada da democracia e instauração dos quatrocentos foi Theramenes, um homem que Tucídides apontava como muito competente em suas falas e na proposição de políticas (*Tucídides. A História da Guerra do Peloponeso* VIII.68.4). Theramenes foi um dos propositores de que os quatrocentos deveriam escolher 5000 dentre aqueles capazes de adquirirem suas próprias armas

pesadas,¹⁸ para compor os cargos e decisões em Atenas. Outra proposta, feita na mesma assembleia, em Colonos, foi a de suspender qualquer pagamento para cargos, à exceção dos relativos à guerra. Entre Tucídides e Aristóteles, na *Athenaion Politeia*, há certas divergências acerca da ordem dos eventos, no entanto pode-se afirmar que se esperava a instituição de um conselho de quatrocentos que substituísse o dos quinhentos e que a partir deste conselho 5000 fossem escolhidos para organizar Atenas. Destes todos os cargos viriam. No entanto os quatrocentos tomaram o poder e nunca fizeram ou publicaram a lista dos 5000. Dentre os oligarcas que compunham os quatrocentos um grupo parece ter iniciado movimentos exigindo a publicação dos 5000. Um grupo chamado por Aristóteles de Theramistas, e posteriormente chamados de moderados, parecia ter o intuito de manter um governo próximo ao do proposto por Clístenes, com isso excluindo as definições propostas por Efilates e Péricles, que formavam o que estudiosos atuais chamam de uma democracia radical.¹⁹

Após quatro meses a derrubada dos quatrocentos foi forçada pelos soldados estacionados em Samos que eram contrários à diminuição do governo atual para algo que fosse mais tirânico. É importante mencionar aqui que de acordo com Tucídides os soldados em Samos se organizaram em um conselho democrático e juraram defender a democracia. A questão do uso destes termos durante os eventos ou se teriam sido inseridos pelo historiador quando de sua composição anos depois dos eventos é de difícil solução. Aqui cabe seguir a análise das reações como balizadoras das intenções destes soldados. A partir de suas ações podemos supor com mais acurácia suas intenções democráticas ou seu foco na anti-tiranía.

Além da frota em Samos os moderados, liderados por Theramenes e Aristócrates, forçaram a derrubada dos quatrocentos e propuseram a instituição de um regime intermediário. É neste momento que creio ser necessário atentar-se para as propostas aceitas em assembleia na Pnix ao se derrubar os quatrocentos oligarcas.

¹⁸ Um conselho de 5000 homens que possuísem ao menos o status de hoplitas.

¹⁹ Ver principalmente Aristóteles *Athenaion Politeia* 29.2 para a proposta de Cleitophon, associado de Theramenes.

1- Os quatrocentos se recusaram a chamar os exilados, pois isto implicaria em chamar Alcibíades, que apesar de ter incitado os oligarcas era pouco querido por Frínicus e seus comparsas. 2- O pagamento de cargos políticos, à exceção dos militares, foram extintos. 3- A proposta de manter um grupo de 5000 hoplitas em comando dos assuntos de Atenas foi proposto mas não chegou a ser posto em prática. Em resposta a este golpe oligárquico os soldados contrários aos oligarcas, os moderados e o resto do *demos* derrubaram os quatrocentos e decidiram 1- estabelecer um regime intermediário composto por 5000²⁰ hoplitas e 2- excluindo o pagamento por cargos políticos, à exceção dos militares, e ainda resolveram 3- convocar os exilados. Neste momento os exilados eram os homens envolvidos com a destruição das *hermai*, e associados a uma preparação de golpe oligárquico ocorrido em 415, dentre eles Alcibíades. Este não só foi chamado de volta como foi instituído como um dos dez generais. Dentre os outros nove generais Theramenes foi eleito. Ao lado do instigador do golpe oligárquico e do líder dos moderados estavam Trasíbulus e Trásilos, os dois líderes dos soldados anti-oligarcas estacionados em Samos.²¹

Apesar da curta duração deste regime intermediário, até um retorno mais pleno ao governo anterior ao golpe, é de se espantar como os anti-oligarcas formaram um governo tão similar às propostas oligárquicas. Este regime teve entre seus organizadores e generais membros dos quatrocentos. Antifonte, Onomacles e Aristoptolemus foram acusados por Andron, Theramenes e outros oligarcas participantes dos quatrocentos. Sobre estas acusações é interessante notar que não foram acusados e condenados por participarem dos quatrocentos mas por não obedecerem decisões da assembleia organizada pelos soldados estacionados em Samos no mesmo período e que se opunham aos oligarcas.²² Além destas acusações outros casos levados a cabo implicavam membros dos quatrocentos por apontarem

²⁰ Para cronologias possíveis do governo dos 5000 ver Sealey (1975)

²¹ Para a descrição deste processo verificar Tucídides. *A História da Guerra do Peloponeso*, VIII.45-98 e Aristóteles *Athenaion Politeia* 29-34.

²² Estas acusações seriam impossíveis pois entre seus acusadores estavam outros membros dos quatrocentos.

cidadãos para cargo mesmo tendo prometido primeiro estabelece os 5000 e que apenas estes escolheriam os ocupantes dos cargos políticos. Seu erro não teria sido o caráter oligárquico mas não fazerem o que fora decidido. Os cargos deveriam ter sido chamados pelos 5000. Por terem assumido cargos antes de convocarem os 5000 foram julgados. Seu crime foi passar por cima das leis propostas por eles mesmos. Assim temos membros dos quatrocentos acusando outros, durante este regime intermediário escolhido pelo *demos*. Isto ocorre pois não são os quatrocentos que fizeram algo de errado ou a oligarquia que não interessava aos atenienses, mas o caráter tirânico que o governo dos quatrocentos tomou após sua instauração.

c) OS TRINTA E A REAÇÃO A ELES

Em 404/3 Atenas perde a guerra e um dos generais espartanos, Lisandro, atende a uma reunião em Atenas para definir a rendição e seus termos. Diversos autores tratam das diferenças entre os relatos sobre estes eventos e suas possíveis consequências. As maiores dificuldades se encontram na definição de quem propôs um retorno às leis ancestrais, à uma *pátrios politéia*, os espartanos, os oligarcas ou Theramenes. O que podemos afirmar sobre a perda ateniense e o governo que se seguiu é que movimentos políticos em consonância com a derrota ateniense e os termos de rendição levaram a uma organização do governo ateniense com ares extremamente oligárquicos. Um grupo de 30 pessoas estaria encarregada de organizar uma nova constituição de acordo com a constituição ancestral. Dentre estes estão os oligarcas e alguns membros dos quatrocentos. Theramenes é um dos trinta.

Entre os relatos de Diodorus Siculus, Xenofonte, Athenaiion Politeia, e algumas menções dos casos em Lísias e Andócides, pode-se perceber que em algum momento os trinta receberam auxílio militar dos espartanos para manter seu controle. Com o intuito de levantar fundos e diminuir poderes de alguns metecos várias acusações e execuções sem julgamento ocorreram. A tomada das posses destes metecos atacados pelos trinta eram assimiladas pelos mesmos. A associação com os espartanos e os

excessos praticados pelos trinta levam a revoltas entre os atenienses. Theramenes, mesmo sendo um dos trinta, resolve se colocar a favor de um governo intermediário, de uma organização moderada. Ao opor-se a Crítias, líder dos extremistas, Theramenes é executado.

Com estas disputas internas os trinta tornam-se enfraquecidos, e ao mesmo tempo são atacados por Trasíbulos, que volta a defender Atenas contra tais abusos. Os trinta acabam por serem depostos alguns meses depois de tomarem o poder com a ajuda de Lisandro. Um dos reis espartanos, Pausânias, ajudou no estabelecimento de uma anistia que permitiu a restauração da democracia e o cessar de violências vingativas.

O interessante aqui é verificar quem esteve presente e ativo na chamada restauração da democracia e como estas presenças podem ter influenciado na estrutura do governo ateniense de 403 em diante. Avaliar a reação dos anti-oligarcas também pode esclarecer suas relações com as proposições oligárquicas e com as posições democráticas formadas então.

Com o fim dos trinta vários destes chamados tiranos fogem para Eleusis. Seus opositores decidem tornar Eleusis independente de Atenas. As dificuldades de manter esta independência ocorrem principalmente devido às relações religiosas que exigiam interação constante entre atenienses e eleusinos. Alguns anos depois esta independência é revogada. Cidadania é entregue àqueles que ajudaram na retomada de Atenas. Meses depois esta decisão é revogada. O assassinio de um dos trinta tiranos é bem visto e os assassinos são homenageados. Uma anistia é estabelecida e nenhum mal pode ser lembrado. Os trinta e seus comparsas não estão protegidos por esta anistia, a não ser que se submetam a um processo de revisão de suas ações durante o cargo de governantes de Atenas.

Todas estas decisões parecem confusas. Por vezes contraditórias. No entanto a organização dos opositores aos oligarcas parece ser desfocada e incerta quanto a suas proposições desde os quatrocentos. Após o estabelecimento do governo restaurado as

decisões parecem estruturar-se. Os exilados são chamados de volta. As leis utilizadas pelos oligarcas para justificar suas ações são revisadas e proíbe-se leis não escritas, associadas às propostas de constituição ancestral dos oligarcas. Diversas outras medidas são tomadas que se aproximam das propostas dos theramistas. Como Theramenes está morto, executado pelos outros membros dos trinta tiranos, podemos traçar estas propostas a 3 de seus aliados mencionados por nome e tios como influentes na “restauração democrática”. Archinos, Anítos e Formíon eram conhecidos amigos de Theramenes e Cleitophon. Ambos membros dos quatrocentos e Theramenes membro dos trinta tiranos.²³

Aqui parece que os moderados dentre os oligarcas, desde os quatrocentos e mais claramente durante os trinta tiranos, decidem se opor aos radicais oligarcas mais do que impor um governo oligárquico a seu modo. Em 403, ao se juntarem aos opositores da oligarquia levam consigo a estrutura de proposições que faltava entre os chamados *demotikoi*. O governo restaurado e revisado que se instaura em 403 marca a democracia do século seguinte. No entanto sua estrutura gira em torno de um estabelecimento anti-tirânico e de origem oligárquica moderada. Diferente da organização chamada de democracia radical por historiadores modernos, a estrutura de 403 em diante inicia uma tradição que em pouco tempo se verá mais antiga que o próprio Clístenes. Assim o radicalismo dos oligarcas pavimentou a reação dos demotikoi mas foi a estrutura dos theramistas e sua influência direta que fundamentou a democracia restaurada de 403.

²³ Toda esta seção é baseada nas fontes mencionadas acima. Mas os debates que mais importam ao relato e às interpretações propostas aqui advém das obras de, Rhodes(1981), Ostwald(1986), Stem (2003), Gomme (1981) e Moore (1983)).

DOCUMENTAÇÃO TEXTUAL E CATÁLOGOS²⁴

AESCHYLUS; SMYTH, H. W. Aeschylus, with an English translation. London, : Heinemann; 1963.

ARISTOPHANES; HALL, F. W.; GELDART, W. Aristophanis Comoediae. Oxonii, : e typographeo Clarendoniano, 1902.

DIELS, H.; SPRAGUE, R. K. The older Sophists: a complete translation by several hands of the fragments in Die Fragmente der Vorsokratiker, edited by Diels-Kranz. With a new edition of Antiphon and of Euthydemus. Indianapolis: Hackett Pub., 2001.

FORNARA, C. W. Archaic times to the end of the Peloponnesian War: Translated documents of Greece and Rome. 2nd. Cambridge Cambridgeshire ; New York: Cambridge University Press, 1983.

GAGARIN, M.; MACDOWELL, D. M. Antiphon & Andocides: The oratory of classical Greece. 1st. Austin: University of Texas Press, 1998.

HERODOTUS; GODLEY, A. D. Herodotus: Loeb classical library. Cambridge, London, : Harvard University Press; W. Heinemann, 1920.

MOORE, J. M. Aristotle and Xenophon on democracy and oligarchy. London: Hogarth Press, 1983.

HILLER VON GAERTRINGEN, F. Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores: Inscriptiones graecae. Editio secunda. Chicago: Ares Publishing Inc., 1974. viii, 393 p.

LEWIS, D. M. et al. Inscriptiones Atticae Euclidis anno anteriores: Inscriptiones Graecae. Editio tertia. Berolini: G. de Gruyter, 1981.

PLATO; BURNET, J. Opera : recognovit brevique adnotatione critica instruxit Ioannes Burnet. Oxonii, : e typographeo Clarendoniano, 1902.

THUCYDIDES. Thucydides History of the Peloponnesian War. London: J. M. Dent & Sons Ltd, 1910.

²⁴ Todas as traduções, quando não mencionado o contrário, são de minha autoria. Nas notas acima usei as siglas IG I², IG I³ e Fornara, seguidos de números indicando os catálogos nesta seção e a numeração da inscrição dentro do catálogo em questão. IG significando Inscriptiones Graecae e Fornara o nome do autor do terceiro catálogo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRIGGS, W. W. Ancient Greek authors. Detroit ; London: Gale Research, 1997.
- CANEVARO, M.; HARRIS, E. M. The Documents in Andocides' On The Myteries. The Classical Quarterly Cambridge University Press on behalf of The Classical Association, v. 62, n. 1, p., 2012.
- CARTLEDGE, P. Democracy, Origins of:Contribution to a Debate. In: RAAFLAUB, K. A.; OBER, J., *et al* (Ed.). Origins of Democracy in Ancient Greece. Berkeley: University of California Press, 2007.
- FORREST, W. G. G. The emergence of Greek democracy: the character of Greek politics, 800-400 B.C: World university library. London, : Weidenfeld & Nicolson, 1966.
- GOMME, A. W.; ANDREWES, A.; DOVER, K. J. A Historical Commentary on Thucydides. Oxford: Clarendon Press, 1981.
- HANSEN, M. H. The Athenian Ecclesia II: A Colection of Articles, 1983-1989. Copenhagen: 1989.
- _____. The Athenian Democracy in the Age of Demosthenes : structure, principles, and ideology. Norman: University of Oklahoma Press, 1999.
- OBER, J.; HEDRICK, C. W. Dēmokratia : a conversation on democracies, ancient and modern: Princeton paperbacks. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1996. xix, 466 p. ISBN 0691011095 (acid-free paper)
0691011087 (pbk. acid-free paper).
- OSTWALD, M. From popular sovereignty to the sovereignty of law : law, society, and politics in fifth-century Athens. Berkeley: University of California Press, 1986. xxii, 663 p. ISBN 0520054261.
- RAAFLAUB, K. A.; OBER, J.; WALLACE, R. W. Origins of Democracy in Anceient Greece. Berkeley: University of California, 2007.
- RHODES, P. J. A commentary on the Aristotelian Athenaion politeia. Oxford New York: Clarendon Press ; Oxford University Press, 1981.
- SANSONE, D. The Date of Herodotus' Publication. Illinois Classical Studies University of Illinois Press, v. 10, n. 1, p., 1985.



SEALEY, R. Constitutional Changes in Athens in 410 B.C. *California Studies in Classical Antiquity* University of California Press, v. 8, n. ArticleType: research-article / Full publication date: 1975 /, p., 1975.

STEM, R. The Thirty at Athens in the Summer of 404. *Phoenix* Classical Association of Canada, v. 57, n. 1/2, p., 2003.

STROUD, R. S. The Gravestone of Socrates' Friend, Lysis. *Hesperia: The Journal of the American School of Classical Studies at Athens* The American School of Classical Studies at Athens, v. 53, n. 3, p., 1984.

WALLACE, R. W. Solonian Democracy. In: IAN, M.;RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *Democracy 2500? Questions and Challenges*. Dubuque: Archeological Institute of America, Colloquia and Conference Papers 2, 1998.

Artigo Recebido em: 30 de junho de 2013.

Aprovado em: 18 de janeiro de 2014.

Publicado em: 11 de abril de 2014.